

Mudar meta de inflação teria efeito contrário ao desejado, diz Campos Neto

Presidente do BC afirma que fará tudo o que estiver ao seu alcance para aproximar a autoridade monetária do governo

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou nesta segunda-feira (13) que a autoridade monetária discorda de uma mudança nas metas de inflação e que uma revisão dos alvos a serem perseguidos pela instituição neste momento teria o efeito contrário ao desejado sobre os juros.

Campos Neto sinalizou também a necessidade de ter boa vontade com o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e disse que fará tudo o que estiver ao seu alcance para aproximar o BC da gestão petista.

"Se a gente fizer uma mudança agora, sem um ambiente de tranquilidade e um ambiente onde a gente está atingindo a meta com facilidade, o que vai acontecer é que você vai ter um efeito contrário ao desejado. Ao invés de ganhar flexibilidade, você pode terminar perdendo flexibilidade", afirmou no programa Roda Viva, da TV Cultura.

Para Campos Neto, não existe ganho de credibilidade com a revisão das metas. "No final das contas, você vai ter uma expectativa de inflação que não só vai para a meta nova como vai ganhar um prêmio maior ainda", acrescentou.

O presidente do BC defendeu um "aprimoramento" do sistema de metas, sem dar detalhes, alegando ser um "tema sensível, que mexe com o mercado".

A expectativa sobre uma mudança nas metas de inflação foi gerada por uma entrevista de Lula, que considerou exagerados os patamares atuais e defendeu 4,5%, o mesmo nível fixado em seus dois primeiros mandatos.

As atuais metas são 3,25% em 2023 e 3% em 2024 e 2025, com margens de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. O alvo foi classificado como "inexequível" pela presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, em entrevista à Folha.

A meta de inflação é definida pelo CMN (Conselho Monetário Nacional), formado pelos ministros Fernando Haddad (Fazenda) e Simone Tebet (Planejamento e Orçamento), além de Campos Neto.

A primeira reunião do CMN sob o governo Lula está prevista para quinta (16). Até o momento, a discussão das metas não está na pauta. Nada impede que o tema venha a ser incluído pelo colegiado.

O assunto costuma ser tratado nas reuniões de junho,



O presidente do BC, Roberto Campos Neto, no Roda Viva, nesta segunda. Nadja Kouchi/TV Cultura

DIREÇÃO DO PT QUER QUE PRESIDENTE DO BC SE EXPLIQUE NA CÂMARA

O diretório nacional do PT aprovou orientação para que Roberto Campos Neto seja chamado pelas bancadas da legenda para explicar, no Congresso, a política monetária do BC. "Tiramos a posição do PT para convocar o presidente do BC para fazer explicação ao Congresso. Afinal, ele está indo ao Roda Viva e outras TVs, é importante que ele vá também ao Congresso", disse a presidente do PT, Gleisi Hoffmann. Apesar da recomendação formal do diretório, o líder do PT na Câmara, Zeca Dirceu, afirmou que a bancada não tem poder de convocação — e que seria feito um convite.

mas pode ser antecipado.

Em 2023, a previsão é definir a meta de inflação a ser buscada em 2026 e ratificar os alvos de anos anteriores. Tecnicamente, para alterar as metas já fixadas, será necessário o governo editar um decreto autorizando essa mudança.

O debate foi aberto enquanto a inflação projetada pelo mercado para 2023 no boletim Focus está em 5,79%, mais de um ponto percentual acima do teto do objetivo a ser perseguido pelo BC (4,75%). Isso representaria um estouro da meta pelo terceiro ano consecutivo. A inflação ficou acima do teto do alvo tanto em 2021 quanto em 2022.

Para 2024, período de maior relevância para a atuação do BC hoje, a expectativa do mercado para o IPCA subiu para 4% — já acima do alvo central (3%).

Além de se posicionar de forma contrária a uma mudança da meta, Campos Neto afirmou que não quis apoiar uma proposta no Congresso que o ajudaria na discussão e que faria tal alteração demandar unanimidade de votos no CMN (hoje é preciso apenas maioria simples).

"A gente tem que entender que o arcabouço que existe foi votado em lei, funciona e está sendo testado. É a primeira vez que a autonomia está sendo testada. E é importante não ter mudança de regra no meio do jogo nem para um lado nem para outro. Tenho que ser consistente com o que acredito em termos de arcabouço", disse. "O que importa é manter a estabilidade do arcabouço e ir aprimorando ao longo do tempo", afirmou. Com o temor de que os ju-

ros altos (hoje a taxa básica, Selic, está em 13,75% ao ano) comprometam o crescimento, Lula tem disparado críticas ao BC e defendido a mudança das metas a serem perseguidas sob a justificativa oficial de que isso abrir espaço para antecipar o início do corte de juros e incentivaria a atividade.

Campos Neto disse entender que existe pressão de Lula com a agenda social e fez sinalizações ao presidente. "O BC precisa trabalhar junto com o governo. Eu vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para aproximar o BC do governo", disse.

"É importante reconhecer a legitimidade do resultado das eleições, da eleição do presidente Lula, que foi feita de uma forma democrática. O Banco Central é uma instituição de Estado, precisa trabalhar com o governo sempre."

Apesar de o BC ter dobrado as referências à área fiscal em suas atas após a eleição de Lula, o presidente da autoridade monetária afirmou que a instituição não considerou em suas comunicações o atual governo mais gastador do que o anterior. Ele disse também que as mensagens do Copom não tinham cunho político, mas teor técnico.

"A dificuldade de controlar despesas está em diversos governos. Em nenhum momento existe uma opinião de que o governo do PT é mais gastador ou vai ter indisciplina, não existe isso", afirmou.

Também fez referência ao "esforço" do Executivo para arquitetar uma nova regra fiscal que substituirá o teto de gastos, dizendo que ele deve trazer resultados positivos.

Campos Neto concedeu a entrevista após sofrer uma série de ataques de Lula, que chamou os juros de "vergonha", a autonomia do BC de "bobagem" e atacou o presidente do BC, a quem se referiu como "esse cidadão".

Lula e aliados resgataram diferentes episódios para explorar a proximidade de Campos Neto com o bolsonarismo, ampliando o desgaste do chefe da autoridade monetária.

As críticas se acentuaram depois de uma imagem captada pela fotógrafa da Folha Gabriela Biló, em 10 de janeiro, mostrando que Campos Neto ainda era integrante de um grupo de WhatsApp chamado "ministros Bolsonaro".

Campos Neto justificou sua presença no grupo dizendo que tinha participação mais informativa e que fez amigos no governo anterior.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 14